

Memórias de uma ex-presa política: insílios latino-americanos

Jessie Jane Vieira de Sousa*

Exílio

Quando a pátria que temos não a temos

Perdida por silêncio e por renúncia

Até a voz do mar se torna exílio

E a luz que nos rodeia é como grades

Sophia de Mello Breyner Andresen

Introdução

Este trabalho se propõe a problematizar as memórias de uma ex-presa política brasileira que, da prisão, vivenciou os diferentes golpes militares que se abateram sobre o Cone Sul. Trata-se de percorrer, pela via da memória, as tragédias que se abateram sobre os exilados brasileiros que se encontravam espalhados pela América Latina naquele período. Pretende fazê-lo a partir das memórias construídas por sua própria família, vividas durante o golpe militar que pôs fim ao governo Torres, em 1971, o governo Allende, em 1973, e o acirramento político que marcou a vida Argentina durante o governo Isabelita Perón. Esta reflexão pretende discutir o lugar da prisão nesta longa tradição literária sobre o exílio, uma vez que a autora entende que este pode ser um lugar privilegiado para entendermos o entrecruzamento destas memórias.

* Créditos da autora.

O conceito fundamental a ser utilizado neste artigo é o de memória social que, por sua vez, corresponde a um processo subjetivo e socialmente construído, mas que só pode ser tomado de maneira não unívoca, como estando em permanente disputa. O texto dialoga também com dois conceitos, o de insílio, que é o isolamento dentro da própria pátria, e o de desexílio, que é o retorno à terra natal e o processo de redescobrimto da pátria.

Os dicionários registram como sinônimos os vocábulos exílio, degredo e desterro. O primeiro foi recentemente popularizado no Brasil a partir do momento em que líderes de renome dele se valeram para fugir à perseguição política, desencadeada pela ditadura militar, após 1964.

Será em torno do exílio que serão construídas as memórias dominantes sobre este período. Há quase que um apagamento das memórias prisionais e daqueles que permaneceram clandestinos dentro do país.

A resistência será contada, em prosa e verso, a partir das narrativas do exílio. Contudo, o exílio, assim como a prisão, a clandestinidade, são penas impostas arbitrariamente como meio de se subtrair à violência do Estado. São causa de profundo abalo psicológico, já que importa no afastamento forçado do meio familiar, social e profissional. Aprofundam o sentimento de saudade em relação a tudo quanto foi perdido, especialmente à pátria. É como se cortassem ao exilado, ao prisioneiro e ao clandestino, as suas raízes.

Quem são os exilados

Segundo Albertina de Oliveira (1980, p. 18) os exilados são

[...] os perseguidos, os punidos, os presos e torturados e todos aqueles que sofrem perseguições indiretas; aqueles que perderam suas condições de trabalho, aqueles que não puderam suportar a opressão de uma sociedade onde a ditadura desenvolveu e potencializou tantas formas de opressão. E ainda aqueles que teimaram em ser livres onde as liberdades estavam cerceadas.

Esta foi a definição recolhida pela autora em questão através das memórias das mulheres brasileiras que se encontravam no exílio. Esta condição não se confunde necessariamente com a de asilada ou de refugiada

já que o estatuto legal não dá conta da diversidade de situações de exílio e nem abrange aquelas pessoas portadoras de documentos, mas que, mesmo assim, não retornaram por conta da ambigüidade da situação vivida. Na realidade existem muitos exílios, que podem ser vividos tanto no isolamento dentro do país, como é o caso dos clandestinos ou dos prisioneiros, como também por aqueles que se encontram fora do país, mas que reagem de formas diferentes pela maneira como as diferentes situações são subjetivamente percebidas. O certo é que o exílio tem

[...] na história, a função de *afastar/excluir/eliminar* grupos ou indivíduos que, manifestando opiniões contrárias ao *status quo*, lutam para alterá-lo. O exilado é motivado pelas questões do país, envolve-se em conflitos sociais e políticos, diz não a uma realidade. Nos ambientes são forjados seus “projetos” e “ilusões”. (Cruz, 1999, p. 25)

Denise Rollemberg Cruz, estudiosa da história do exílio brasileiro, afirma que entre nós este não foi um fenômeno de massas, como teria sido no Chile, na Argentina ou no Uruguai. Ressalta ainda que esta experiência não foi homogênea, já que as vivências foram as mais variadas, a começar pelo tipo de exilado. Havia os banidos, os que partiram por se recusarem a ser cúmplices, aqueles que eram perseguidos, os que estavam na clandestinidade, e muitos outros.

De qualquer forma, creio que esta categorização (como a do compositor que, para não ter sua poesia censurada ou não ser punido, reveste sua obra de um hermetismo tal que nem ele mesmo pode reconhecê-la) sirva para toda e qualquer análise sobre os processos históricos que redundaram na exclusão, expulsão, confinamento e clandestinidade de opositores em todos os países do mundo. Não é, portanto, uma exclusividade da história brasileira.

A mesma autora faz uma periodização do exílio brasileiro ao assinalar a existência de três tempos: de 1964 ao golpe do Chile; de 1973 até os anos de 1975/76 e o período final vivido na Europa ou na África, por alguns.¹ Creio que esta visão deve ser matizada por aqueles que foram

1 Denise Rollemberg Cruz fala da existência de duas gerações de exilados, aqueles que saíram em 1964, que me sua maioria compunham o governo ou a base de apoio parlamentar do governo João Goulart, e aqueles que foram atingidos a partir de 1968, na sua maioria e estudantes e filhos da classe média brasileira. Creio estas definições ainda carecem de uma pesquisa histórica mais apurada.

obrigados a sair do Brasil em 1964 porque esta geração foi de fato excluída ou afastada do poder, já que muitos dos seus mais importantes nomes compunham o governo do presidente João Goulart, dos governos estaduais, das prefeituras das grandes cidades, as centenas de militares legalistas e, mesmo que na sua maioria tivessem permanecido na América Latina, enfrentaram muitas dificuldades tanto no plano econômico quanto político. É certo que não havia ainda uma visão clara do tempo em que os generais ficariam no poder o que, de certa forma, criava, para alguns, a ilusão de que o exílio seria curto.

Por outro lado, a vitória da Unidade Popular no Chile terminou por criar entre todos os perseguidos latino-americanos uma nova perspectiva. Este sentimento foi ainda mais forte entre a geração de 1968, aqueles que estavam presos, que foram banidos, enfim, aqueles que tinham no horizonte um projeto de revolução socialista. Esta hipótese fica evidente no depoimento de Maria do Carmo Brito, militante presa e banida no dia 15 de junho 1970, que fala da similitude entre prisão e exílio e de como a sua consciência do exílio se deu com o golpe militar no Chile, porque

[...] o exílio não pesava muito, eu não senti que pesasse. Para mim o exílio foi mesmo na Bélgica, parei de estudar flamengo, fechei os livros e comecei a preparar a mudança... Em Portugal também não senti o peso do exílio, nem na Argélia porque ali estava tudo muito no início e a gente tinha esperança de voltar. A volta ainda era eminente. (Oliveira, 1980, p. 77)

As memórias daqueles que saíram do país são unânimes em reafirmar este sentimento em relação ao Chile. Contudo, esta experiência também foi muito matizada e dependeu das vivências anteriores de cada exilado, como podemos constatar no depoimento de Leta Alves de Souza:

Tínhamos imaginado que a nossa vida seria mais fácil do que realmente foi no Chile. Era difícil encontrar casa e tínhamos pela frente o problema da manutenção, de sobrevivência mesmo, e da falta de trabalho. A maioria dos brasileiros – chegamos a constatar isto depois de dois ou três meses – não tinham um trabalho, e o processo revolucionário chileno tinha tremendas dificuldades

para avançar. Eu me sentia completamente confusa, assistindo a todas aquelas demonstrações de força na rua, as passeatas, as manifestações. O povo gritando por uma afirmação. Por outro lado, tínhamos tido uma experiência dolorosa no Brasil e não confiávamos no processo feito da maneira como estava sendo levado no Chile, onde a esquerda confiava tradicionalmente no seu exército. Foram meses bastante dolorosos, de expectativa, de esperança, de dúvidas.

Além de distintas visões sobre a viabilidade do processo chileno, havia outras variantes de ordem psicológica:

Confesso que tive uma dificuldade de integração na sociedade chilena. Não consegui jamais porque vivia voltada para o Brasil. Meu pensamento estava sempre lá. O meu conforto no Chile era receber uma carta da Jane, com notícias dela na prisão. Esta foi a época em que a repressão matou muitos dos nossos jovens que voltaram na ânsia de modificar o processo brasileiro. Tudo se refletia no nosso espírito e uma tristeza nos acompanhava sempre no Chile. (Oliveira, 1980, p. 179)

Além das diferenças de classe que existiam entre os exilados, o que terminava por criar um distanciamento grande entre eles, como diz Leta “[...] a maioria deles eu conhecia de nome, via-os nas manifestações de rua, mas muito pouco relacionamento tínhamos com eles no Chile” (Idem).

A seguir tentarei, através das memórias construídas pela família de Washington Alves da Silva e de Leta Alves da Silva, localizar as múltiplas experiências diferenciadas vividas por esta família, que estão ancoradas nesta sensação de

[...] estar suspenso entre dois mundos sem pertencer plenamente a nenhum, este estar com as raízes expostas é precisamente o que lhe dá sua dimensão universal; este não ser nada é o que lhe possibilita ser tudo, cidadão do mundo, patriota da terra, seja qual for esta terra. (Serge, Victor. *Memórias de um revolucionário*. Citado por Cruz, 1999, p. 34)

Memórias de uma saga latino-americana

Início esta exposição recorrendo a um bilhete escrito por Washington Alves da Silva, no cardápio da Air France, quando saía do Chile para a Suécia no dia 12 de novembro de 1973. Ou melhor: quando saía do Estádio Nacional onde se encontrava, juntamente com seu filho, José Alves Neto, preso desde o dia 15 de setembro daquele ano. Dizia Washington “Começamos uma nova viagem. Mais um caminho cujo destino não sabemos onde nos levará. Mas certamente nada poderá ser tão difícil quanto o que já passamos”.

Este bilhete era dirigido à sua filha que se encontrava presa no Brasil. Ao escrever estas palavras ele não sabia se algum dia elas chegariam até sua filha, uma vez que toda correspondência era censurada. E certamente este pequeno bilhete jamais teria chegado se não fosse a ação de algum anjo. E todos que viveram esta experiência sabem que eles de fato existem.

Sobre esta viagem nos fala Leta, esposa de Washington: “[...] nos encontramos no Aeroporto de Santiago, depois de cinquenta dias sem nos vermos, e nos abraçamos... Estávamos sendo postos no avião e expulsos do Chile...” (Oliveira, 1980, p. 182)

Mas a saga desta família começou muito tempo antes, exatamente no dia 1º de janeiro de 1970, quando a casa onde residiam foi invadida pela Operação Bandeirante, órgão da repressão política que atuava em São Paulo e que tinha como um de seus principais personagens o Delegado Sérgio Paranhos Fleury. Nesta invasão Washington foi preso e barbaramente torturado. Estes momentos foram descritos por Leta da seguinte maneira:

A polícia bateu lá em casa à meia noite. Estávamos só eu, ele e Sandra [sua filha] quando vieram buscá-lo. Era a OBAN: fizeram aquele aparato imenso, cercaram o quarteirão, trouxeram um companheiro para mostrar a casa. Até a hora em que saíram fiquei atrás deles falando: vocês não podem fazer isto, não têm o direito de fazer isto. Afinal porque? (Oliveira *et al.*, 1980, p. 158)

Em janeiro de 1971 Washington, juntamente com 70 outros prisioneiros políticos, trocados pelo embaixador suíço, foi banido do Brasil para o Chile. Era o início do governo Allende.

Sua filha fora presa em julho de 1970 e acompanhou estes acontecimentos pelas frestas da prisão, uma vez que naquela ocasião todos os presos políticos do país estavam incomunicáveis. Pelo menos em tese, uma vez que os anjos sempre estavam, por perto, levando ou trazendo fiapos de notícias.

Leta e seus filhos encontravam-se clandestinos porque a repressão já a havia prendido e torturado, juntamente com uma de suas filhas, por duas vezes. Neste clima

[...] era quase impossível levar uma vida normal... Em dezembro [de 1970] ocorreu o seqüestro do embaixador suíço. E a partir do momento em que saiu o nome do Washington na lista dos presos exigidos em troca do embaixador, imaginei tudo o que poderia acontecer. Ao mesmo tempo eu senti uma alegria imensa, pois queria que ele saísse da cadeia, comecei a pensar uma porção de coisas sobre o exílio... Mas sabia que de outra forma ele não poderia sair tão cedo, porque jamais tinha sido ouvido. E não me enganei, pois o processo em que ele foi enquadrado foi julgado apenas há dois anos atrás [em 1976]. (Todas as citações seguintes extraídas de Oliveira *et al.*, p. 158 ss.)

Como explica Leta, a pressão sobre sua família tornou-se insuportável:

Durante três meses enfrentamos todas as dificuldades com uma reserva de dinheiro que eu tinha, sem possibilidades de contatar pessoas amigas... Mas a cada dia que passava a nossa sobrevivência no país tornava-se mais difícil. Eu não podia trabalhar, os meninos não podiam estudar e nós tínhamos que tomar alguma iniciativa, mudar de Estado, talvez recorrer a alguma entidade que nos ajudasse a sobreviver. Discutimos muito e chegamos à conclusão de que tínhamos que sair do país... É então que resolvo procurar o apoio das autoridades eclesíásticas do país, da Igreja. E foi aí que realmente encontrei um apoio excepcional. Até podermos sair demorou mais três meses, tive que me separar dos meus filhos; os meninos foram para uma parte, as meninas para outra, e fiquei só... Fomos nos encontrar na saída do país.

Novamente a presença de anjos que terminaram ajudando-os a sair do Brasil pela fronteira com a Bolívia, onde, como explica Leta, depararam-se com novas dificuldades:

Já na Bolívia, nos instalamos como turistas. Era finalzinho do governo Torres e havia assim um clima festivo na cidade – as pessoas muito abertas, falava-se muito em reformas, em socialismo, e nós nos sentimos como se tivéssemos liberdade, como se tivéssemos renascido... Aluguei um quarto na casa de uma família para planejar o prosseguimento da viagem, e é então que tenho uma surpresa muito grande – não havia maneira de prosseguir sem documentação. Daí a La Paz só se podia sair de avião. E então como seria? Era mais do que uma pergunta.

Mas as surpresas não pararam por aí porque

[...] três dias depois eu já sabia que havia me instalado na casa de um militar afastado do governo de Torres. Ele fora mandado para esta região como uma espécie de castigo. Era capitão do Exército boliviano e já estivera asilado no Uruguai e no Brasil, onde permaneceu por treze anos e casou com uma brasileira. Ele passou a me contar a sua história, a da família e eu comecei a achá-lo bem diferente daqueles militares que havia conhecido antes.

Era uma situação absolutamente estranha porque Leta e seus filhos cruzaram a fronteira correndo de um regime de direita e o dono da pensão ali se encontrava confinado por um governo considerado de esquerda.

O certo é que este militar – que conspirava abertamente contra o general Torres – terminou ajudando aquela família a chegar a La Paz antes que o golpe contra o governo se efetivasse. Sobre isto lembra Leta:

Então ele me disse: “Eu sei que a senhora está fugindo do Brasil, está passando por aqui porque quer seguir em frente. Acho que a senhora deve conversar comigo mais abertamente, não temer tanto. Preciso deste dinheiro que a senhora vai me pagar pelo aluguel e por cada pessoa para comer e dormir. Aqui come-se muito mal, mas a senhora terá toda a comida que a gente possa dar e vou lhe ajudar para que a senhora siga sua viagem.”

Diante daquela situação Leta resolveu jogar com a sorte e terminou explicando-lhe que

[...] a minha meta era chegar ao Chile onde estava meu marido. Mas havia dois problemas muito sérios a resolver. Primeiro, a falta de dinheiro porque o que tínhamos não dava para pagar a passagem de avião para todos. Segundo, e principal, não tínhamos nenhum documento que nos autorizasse a permanecer na Bolívia. Não tínhamos salvo-condutos, nem passaportes, tínhamos apenas a carteira de identidade. Chegamos à conclusão de que teríamos que conseguir um salvo-conduto da polícia brasileira do outro lado. Esta tinha naturalmente um bom relacionamento com a polícia boliviana e logicamente ele era ligado a militares brasileiros. Foi assim que consegui comprar, através deste senhor, dois salvo-condutos por 300 cruzeiros, o que me desfalcou ainda mais.

E assim Leta, “com a ajuda deste senhor que me apresentou a uma pessoa de esquerda ali em Guajaramirim, que me forneceu um contato em La Paz”, que uma das filhas² conseguiu chegar ao Chile e providenciar ajuda para que todos pudessem seguir em frente. Mas nesta altura dos acontecimentos, Leta

[...] já devia mais de mil e tantos pesos de pensão uma vez que estávamos bebendo e comendo sem pagar. O capitão não tinha renda regular, trabalhava com madeira e levava os meninos para ajudá-lo. Pescavam e nós comíamos banana cozida com peixe... Neste intermédio veio uma chamada pelo rádio dizendo que haviam chegado pessoas do Chile e que estava sendo encaminhado o dinheiro para a nossa saída. Então criei alma nova. Isto aconteceu exatamente vinte dias antes do golpe na Bolívia.

O golpe só se deu quando todos estavam na capital boliviana. Leta descreve a situação em La Paz:

Massas na rua, povo, clima de guerra. No outro dia acordamos com rajadas de metralhadoras, aviões sobrevoando a cidade, tan-

2 Washington e Leta tinham três filhas e dois filhos. Das filhas duas estavam no Brasil (uma presa e outra clandestina).

ques nas ruas, na praça, a tomada do palácio do governo. Através do rádio acompanhávamos todo o movimento golpista. E as palavras de ordem emitidas de uma parte e de outra. Assistimos ao bombardeio da Universidade de Santo André, o povo imobilizado e a implantação da ditadura.

Diante desta situação, sair da Bolívia tornava-se um desafio imenso e

[...] nossos amigos tinham que providenciar uma saída imediata para nós, mas não era fácil. Então tivemos que nos arriscar a sair pela única forma que havia – um trem terrível que levava traficantes. Saímos á meia noite, depois de termos permanecido oito dias em La Paz camuflados no meio de todos os contrabandistas. Era um trem imundo, com pessoas de baixo calibre, que transportavam de tudo. Por sorte encontrei um brasileiro ali que foi a nossa salvação. Na fronteira com o Peru houve problemas com a documentação e graças à interferência deste brasileiro pudemos seguir viagem. É um rapaz que não esquecerei jamais. Chegamos a Arica e fomos detidos em prisão domiciliar até que averiguassem o porquê do nosso pedido de asilo no Chile. Depois de cinco dias tivemos licença de viajar para Santiago. Seguimos de ônibus, num calor tremendo, e chegamos dois dias depois... Aí começou o meu terceiro exílio.

Viver no Chile naquele período foi uma experiência extraordinária para aquela família comunista que sonhava em mudar o mundo, apesar de já ter conhecido na pele a barbárie da repressão. Para Washington e Leta tratava-se de organizar a vida no Chile e, ao mesmo tempo, contribuir com a experiência política que estava sendo vivida ali. Mas para seus filhos, como para muitos outros jovens, era o começo da vida, dos descobrimentos naquela alegria que contagiava a juventude chilena e os jovens de todas as partes do mundo que se dirigiram para o Chile. Este sentimento de pertencimento vivido no Chile, como afirma Fátima Freire Dowbor, era comum porque

[...] foi a época dos primeiros namorados, das saídas à noite, das conversas, dos grupos com outras moças, coisas que eu não tinha no

Brasil. No Chile eu não me sentia tanto estrangeira, não me sentia mesmo. No fundo era América Latina. (Oliveira, *et al.*, 1980, p. 103)

Para o Chile se dirigiram todas as esperanças dos socialistas e comunistas do mundo. Para os latino-americanos era um passaporte para a vida.

Contudo, do ponto de vista existencial, aquele foi um momento muito difícil para aquela família porque se reencontrava depois de uma trajetória difícil:

Um encontro numa situação completamente diversa daquela que havíamos deixado poucos dias antes na Bolívia. O Chile vivia um momento de euforia, de entusiasmo político, e nós tínhamos que nos adaptar àquele ambiente novo, inclusive apreender a pronunciar a língua do chileno que era diferente da do boliviano. Havia determinados problemas que tinham que ser resolvidos em conjunto, discutidos por todos nós. Era toda uma família tendo que encarar uma situação nova. (Idem, p. 178)

No Brasil os presos políticos acompanhavam a experiência chilena com enorme entusiasmo e vivam das notícias que chegavam das dezenas de companheiros que lá estavam. No Chile parecia apenas, como pudemos perceber no depoimento de Leta, que o exílio ainda não havia sido imposto para aqueles que para lá se dirigiram ou foram enviados, como foi o caso da família de Washington e Leta e de outros banidos.

Para os presos brasileiros a prisão tornava-se menos dolorosa porque acreditavam que no Chile estava sendo gestada uma nova possibilidade, que ainda não haviam sido de todo derrotados. Havia um permanente intercâmbio com aqueles que viviam no Chile.

O golpe militar do 11 de setembro de 1973 também desmoronou aquele pequeno mundo prisional. Aquela noite ficaram sem dormir, acompanhando, clandestinamente, pelas rádios de ondas curtas, o desenrolar dos acontecimentos. Depois as listas de mortos, prisioneiros e as notícias das embaixadas.

Da família de Washington e Leta, soube-se do desaparecimento de uma das filhas que, verificou-se anos depois, se encontrava clandestina no Brasil e, da prisão de Washington e de seu filho, de apenas 18 anos, no Estádio Nacional de Santiago no Chile. Estes momentos foram trágicos

para aquela família que mais uma vez teve que enfrentar a violência do Estado.

Washington e Leta haviam optado por permanecer no Chile – para eles aquele era uma opção que podia lhes garantir maior proximidade com o Brasil, onde suas filhas estavam, e também porque se encontravam cansados de fugir. Contudo, dois de seus filhos, que a esta altura já estavam casados e com filhos, se dirigiram à embaixada da Argentina. Também eles queriam permanecer na América Latina.

O mesmo se passou com a maioria dos brasileiros que se dirigiram às embaixadas do Panamá e da Argentina.

Talvez Washington e Leta não esperassem o que veio a seguir. No momento em que a Força Área estava saqueando a casa deles, chegou Juca, o único filho que havia permanecido e que havia ido ali para ver o que deveriam fazer. Ele também foi preso, e a partir daquele momento

[...] eles começaram a utilizar os seus métodos de interrogar – feriram o Juca com a ponta de uma baioneta. Naquele momento percebi que eles seriam levados não sei para onde ou que talvez fossem mortos. Havia inclusive um sargento que me disse “Companheira, fique tranqüila, com você não vão fazer nada; não sei o que pode acontecer com eles porque muita gente já foi morta. Isto é o fascismo. Infelizmente eu sou apenas um soldado que cumpre as ordens. Não posso fazer absolutamente nada.” (Oliveira, *et al.*, 1980, p. 180)

Leta novamente teve que viver aquilo que já vivera antes, no Brasil: peregrinar pelas prisões para saber do paradeiro dos seus e, nesta luta, pôde sentir a solidariedade do povo chileno, da sua absoluta perplexidade diante daqueles acontecimentos:

Nos primeiros dias do golpe, senti uma aproximação maior e quase que uma afinidade com o povo chileno. Porque a experiência que havíamos tido até aquele momento nos dava uma noção clara da luta que teria que ser travada a partir dali. Senti ainda mais a presença da mulher e seu espírito combativo dez dias depois do golpe, quando vieram prender os estrangeiros que moravam em Macul. A Força Aérea Chilena, com seu aparato blindado, cercou todo o bairro. Ali moravam vinte e cinco famílias brasileiras. Foram

direto à nossa casa: estávamos ali trabalhando. Toda a população entrou em pânico. Os vizinhos das suas janelas, das suas portas, olhavam aquele espetáculo de invasão militar nas casas dos brasileiros, atônitos, porque nunca haviam assistido aquele tipo de repressão. Nós aceitamos no momento como um fato se repetindo, porque já havíamos passado por isso. Os militares permaneceram aí umas três horas, invadiram, saquearam, quebraram. Numa das casas souberam que uns vizinhos chilenos haviam ajudado o casal que lá morava a chegar até a embaixada. Foram presos, o pai e o filho. (Oliveira, *et al.*, 1980, p. 180)

Era uma operação contra os estrangeiros, mas destinava-se também, e talvez, sobretudo, a intimidar a população chilena. Os militares chilenos não estavam preocupados com a opinião pública, já que pelas ruas de Santiago era possível encontrar cadáveres espalhados pelas calçadas, como nos conta Leta:

Em uma manhã sai na minha costumeira andança à procura das pessoas que estavam desaparecidas, e quando descí uma ladeira entre Macul e Avenida deparei com seis corpos em frente a uma padaria. As pessoas que estavam na fila (uma *cola*, como se diz no Chile) olhavam caladas os cadáveres enfileirados. Pelo que se deduzia haviam sido mortos e jogados ali para que o povo visse. E os militares controlavam as filas, as pessoas não podiam falar. Eram filas intermináveis de trezentas, quatrocentas pessoas para comprar o pão. Um ambiente de terror. (Idem, p. 182)

Para esta família a sua trajetória no Chile terminava diante deste terror, que acompanhou os últimos instantes de vida de Washington, morto em 1997 e que durante a sua doença lembrava-se permanentemente do que haviam vivido no Estádio Nacional. Era quase um delírio.

Esta foi a saga de milhares de latino-americanos que do Chile foram para outros países da América Latina – como Argentina México ou Cuba, por exemplo – ou da Europa. Esta família se dispersou. Como indiquei no início, Washington, Leta e seu filho Juca foram para Suécia e de lá para Cuba. O restante foi para a Argentina, onde viveram momentos difíceis no governo de Isabel Perón, com o confinamento em Passos de los

Libres, na fronteira com o Brasil. Depois da Revolução dos Cravos, foram para Portugal. Somente a partir de 1975 esta parte da família se reencontrou na Suécia, de onde alguns retornaram ao Brasil em 1980. A família já havia crescido, com o nascimento de cinco netos (uma nascida em uma prisão do Brasil) e com a presença de noras e genros, que por sua vez eram todos ex-presos, banidos, clandestinos ou presos. Era um círculo vicioso. Portanto, para esta família, durante esta década, prisão, exílio e clandestinidade foram sinônimos.

O insílio – o isolamento na própria pátria

Não existem reflexões acerca da prisão ou da clandestinidade como uma forma de exílio, mas, creio que esta análise se torna necessária uma vez que os sentimentos associados a esta condição também estão presentes no cotidiano da vida daqueles que viveram esta experiência. No contexto das ditaduras militares que marcaram a vida política no Cone Sul, onde inúmeras pessoas foram apartadas da vida durante longos anos, poder-se-ia dizer que houve um insílio, um isolamento dentro da própria pátria. E que o insílio, de alguma forma, se somava ao exílio na medida em que o destino de todos dependia do mesmo processo histórico, que naquele momento era marcado pelos sucessivos golpes militares que iam se processando ao longo do continente sul-americano – o que tornava ainda mais dramática a situação daqueles que “de dentro” ou “de fora” sonhavam com o retorno.

Mais uma vez recorro às memórias da família de Washington e Leta para buscar nelas os elementos que possam me permitir sustentar esta idéia. Falo agora da prisão, onde se encontrava uma de suas filhas, seu genro e sua neta.

O Transglob, que, para eles, era a maior maravilha tecnológica na área de comunicação de então, a partir de 1973, os conectava com o mundo. Era um rádio transistorizado com oito faixas de ondas, médias curtas e de frequências moduladas. Através dele podiam ouvir as notícias que indicavam a vitória no Vietnã, o processo de descolonização na África, o processo político da América Latina, onde se encontravam muitos brasileiros, o avanço do processo político brasileiro com as crescentes denúncias dos presos políticos, a construção do movimento pela anistia ampla,

geral e irrestrita. Havia também as visitas, que lhes traziam as notícias do mundo, da vida. Havia ainda aqueles que já estavam soltos e os clandestinos que também só recebiam notícias do nosso Brasil através das ondas curtas do Transglob. Afinal, televisões, rádios e periódicos impressos só falavam das maravilhas do milagre econômico que a ditadura promovia.

O exilado brasileiro dentro do próprio Brasil tinha que aprender outra língua para ler, sobre o seu próprio país, notícias através dos periódicos do “primeiro mundo” ou ler as teorias daqueles que acabaram ficando conhecidos como “*Brazilianists*”.

Assim como no exílio, o insílio tem regras rígidas a serem observadas. E para aqueles que estavam clandestinos ou eram ex-prisioneiros, quanto menos falassem sobre o seu passado, menor seria a discriminação ou até mesmo o risco de nova prisão ou de desaparecer na calada da noite.

No insílio agrava-se o fato de ser perigoso dar emprego a alguém que saiu da prisão política e, muito mais perigoso é para o clandestino procurar trabalho com documento falso. Já aqueles que estão presos dependem da solidariedade de algum familiar abnegado. E dos anjos que sempre rondam...

A tecnologia não inventou um medidor de saudades, mas no insílio, esse sentimento é certamente mais sofrido, porque no interior do país sente-se a realidade na sua crueldade cotidiana. Enquanto aqueles que estão no exílio, no exterior, ainda podem fantasiar uma terra com palmeiras e sabiás sem ouvir as temerosas sirenes e o terror de ser acordado na madrugada com uma patrulha invadindo a sua residência, ou de abrir os jornais pela manhã de dar de cara com mais um amigo “morto em confronto com a polícia”.

O desexílio – o profundo sentimento de perda

Em fevereiro de 1979, a filha prisioneira, seu marido e a filhinha nascida na prisão são libertados com a reforma da Lei de Segurança Nacional promovida pela ditadura, que a esta altura encontrava-se em processo de liberalização. A filha clandestina e seu marido retornam a vida legal. Estas se reencontram com Leta, que vem para revê-las. O filho que fora preso no Chile retorna no final de 1979. Em 1980, Washington e Leta voltam ao Brasil. Os outros filhos e netos permanecem na Suécia, onde se

encontram ainda hoje. Estes filhos que eram exilados se transformaram em imigrantes involuntários. Mas as crianças nascidas no Chile, na Argentina e na Suécia, que eram apátridas, hoje, sem direito à opção, continuam apátridas com o título de imigrantes. Hoje, para esta família, este talvez seja o legado mais amargo, uma vez que produz desajustes insanáveis em algumas destas crianças que cresceram em vários idiomas, vivendo provisoriamente em diversos países, sonhando com uma pátria imaginária e inalcançável.

Contudo, poderíamos encerrar com um final feliz, porque todos chegaram vivos ao final do período ditatorial. Apesar da ausência de uma parte da família, os pais puderam reencontrar aqueles que viveram no insílio. Foram momentos de alegria, emoção e de muitas incertezas. Diferente de muitas outras histórias, tratava-se da vida de uma família que viveu muitas experiências que se entrecruzavam. Além do fato de que esta era uma família pobre, que havia sido desestruturada, quando os filhos estavam ainda na idade escolar e que, portanto, não tinham podido adquirir uma formação profissional.

Naquele ambiente familiar conviviam os traumas acumulados ao longo do exílio, na clandestinidade e na prisão. A maior alegria era o fato de todos estarem vivos. Mas todos precisavam redescobrir o seu lugar neste país, que para esta família certamente era um novo país onde teria que, mais uma vez, começar tudo de novo.

Para os filhos tratava-se, sobretudo, de descobrir o Brasil, uma vez que eles até então haviam vivido apenas uma fantasia de país. Para Washington era o redescobrimto de um país no qual ele não acreditava mais. Tornara-se amargo e não enxergava horizontes. Para ele a volta havia sido uma imposição de Leta, que nunca havia se adaptado ao exílio, que morria cada dia de saudades do Brasil, das filhas, da neta nascida na prisão. Ela, embora não acreditasse mais na possibilidade de transformação do país, vibrava com os cheiros, sabores, a praia, com o cotidiano nacional. Juca, expulso ainda menino, era empolgado com o país que descobria, com as possibilidades de tornar-se, finalmente, brasileiro. A filha clandestina que havia vivido com outra identidade, por oito anos, dentro do país, era cética. Mas vibrava com o reencontro familiar, com as filhas que nasciam. A filha que havia ficado nove anos na prisão estava atônita porque se deparava com a falta de preparo profissional e com a necessidade de criar sua filha nascida na prisão. Juntamente com seu marido, que

também havia estado preso por longos anos, imediatamente se engajaram na política, trabalhando no movimento da anistia que ainda não chegara, e nos emergentes movimentos feministas, sindical, pela constituinte e pelas eleições diretas que poderiam selar o fim da ditadura militar.

Mas ela, como seus irmãos, também não conhecia o Brasil, não tinha consciência das transformações que os militares haviam feito na cultura nacional. Naqueles que, depois de tentativas de volta ao Brasil, retornaram à Suécia, o sentimento de desterro terminou por ser incorporado como uma dor permanente.

Enfim, são as memórias construídas por esta família, marcadas ao final, por um terrível sentimento de perda. Mas com a profunda consciência de que

[...] sobreviver é, dentre todas as coisas, a mais desconcertante. Por que sobreviver, se não por aqueles que não sobreviveram? Essa idéia justificou minha sorte e tenacidade, dando-lhes um sentido – e, por muitas outras razões, ainda hoje me sinto ligado a muitos homens a que sobrevivi, e justificado por eles. (Serge, Victor, op. cit. Citado por Cruz, 1999, p. 33)

Referências bibliográficas

CRUZ, Denise Rollemberg. *Exílio: entre raízes e radares*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

OLIVEIRA, Albertina de et al. *Memórias das mulheres do exílio*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

Resumo: Este trabalho se propõe a problematizar as memórias de uma ex-presa política brasileira que, da prisão, vivenciou os diferentes golpes militares que se abateram sobre o Cone Sul nas décadas de 1960 e 1970. Trata-se de percorrer, pela via das memórias construídas por sua própria família, as tragédias que se abateram sobre os exilados brasileiros que se encontravam espalhados pela América Latina naquele período.

Palavras-chave: memórias; exílio; presos políticos.

Memories of a Former Political Prisoner in Latin America

Abstract: This work intends to analyze the memories of a Brazilian former political prisoner who lived, in prison, the military dictatorships that prevailed in South America in the 60s and 70s. We discuss, through the memories build by her

own family, the tragedies that overcome to Brazilian exiles who were spread in Latin-American countries at the time.

Keywords: memories; exile; political prisoners.